

Conceitos fundamentais da Psicanálise

**Apresentação, leitura e comentários de
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

13 - 03 de agosto de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Leitura na página 35: *Retornaremos a tudo isto..*

Imersão oxânica

Intervenção – [...]

Bem, nós falamos a respeito desse tema, Psicanálise e Religião, quando, no começo, nos referimos à correspondência de Freud com Oskar Pfister.

Intervenção – [...]

Sim, de fato, no contexto de nossa discussão sobre Ciência, discurso científico.

Continuação da leitura na página 35: *O que é ôntico..*

Intervenção – [...]

Bem, o termo fenda está relacionado à iância, *béance*, apresentada no seminário anterior. Instante...

Intervenção – Relâmpago.

Isto. Relâmpago.

Intervenção – [...]

A Ontologia

Ôntico/ontológico

Ôntico vem do grego τό ον, τὸ ον, sendo um termo empregado por Heidegger, que distinguia ôntico de ontológico, mantendo o termo ôntico para as referências aos entes e ontológico para o ser.

Intervenções – [...]

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

Podemos, também, fazer a contraposição entre sujeito evanescente e o desejo enquanto constante, indestrutível.

Perversão

Intervenções – [...]

Está bem. Mas o conceito *perversão* não deve ser confundido com juízo moral sobre perversidade, que é outra coisa. A perversão diz respeito a uma das formas lógicas de o sujeito lidar com a castração, com o *falq* em relação à mãe. Essa idéia, religiosa, afinal de contas, de uma imersão oceânica, negaria essa descontinuidade revelada pelo Inconsciente, seria um contínuo pleno.

Intervenção – [...]

Não creio que possamos afirmar de um místico que seja perverso pelo fato de buscar essa condição de plenitude; não há uma equivalência.

Continuação da leitura na página 35: *Contexto ardente..*

Intervenções – [...]

*O tempo lógico
do Inconsciente*

Pois então, de fato, refere-se à lógica da não-contradição nessa referência espaço-temporal, levando-nos a considerar a Topologia para lidar com esse lugar e com esse tempo, que é o lugar da fala.

Continuação da leitura na página 35: *Ora, se o desejo não faz mais que veicular..*

Intervenções – [...]

*As fantasias
primordiais*

Ah, sim os fantasmas, as fantasias primordiais, enquanto elementos indestrutíveis na articulação do desejo.

Intervenções – [...]

O Inconsciente é sempre presente, mas de forma descontínua, não em relação ao tempo, mas ao sujeito.

Intervenção – [...]

Mas há uma certa leitura sobre o Inconsciente, como se houvesse uma essência inconsciente, algo substancial; ao passo que, ao considerarmos esta noção de hiância, de hiato, desta irrupção, por uma fenda, de algo no dizer, isso descaracteriza uma ontologia do Inconsciente, um ser

inconsciente. A articulação desejante inconsciente é efeito da fala, numa circunstância muito especial, de uma relação transferencial analisada. Nem o sujeito em análise nem o sujeito analista sabem como o desejo se efetuará nessa relação.

Intervenção – [...]

Exato. Mas não exatamente como algo subterrâneo, de substância, de essencialidade.

Intervenção – [...]

Sim, é isso. Trata-se de alguma coisa inesperada e surpreendente; algumas vezes nos assusta, noutras, nos comove; assustadora como nos nossos fantasmas, torna-se engraçada, como nos chistes... São formas de articulação, mas sem essa noção de essencialização, e sim como efeito de uma relação transferencial.

Intervenção – [...]

*As formas de
articulação lógica*

Existem pelo menos três formas nesse tipo de articulação lógica: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir. Análise não é “sacação”, *insight*, como defendem alguns; a análise vai incidir naquilo que, na narrativa, implica o que a excede.

Intervenção – [...]

E sabe-se lá quanto tempo se leva para que essas coisas possam ser faladas! Está na própria narrativa a possibilidade dessa articulação.

Intervenções – [...]

É isso mesmo, com o que você chama de besteiras, você traz-nos grandes questões. De fato, dizer *tempo* lógico, diante de suas considerações é para se repensar.

Intervenção – [...]

A análise

Justamente. O que está colocado aí em jogo é a indagação sobre o tempo, a durabilidade de uma sessão de análise. Que tempo é esse, cronometrado, de uma sessão? Tempo e frequência. Como aferir o tempo trabalhado pelo Inconsciente? A proposição de Lacan, quanto a uma

O tempo na análise

articulação lógica possível para esse trabalho, contrapunha-se à formalidade estéril de um ritual.

Intervenções – [...]

Sim, certamente são questões muito complexas. Talvez possa nos ajudar a idéia de uma relação entre um elemento e outro, pensada a partir de uma relação simultânea. Qual seria o tempo de uma simultaneidade e sua relação com a diacronia instauradora do tempo? Relembrando o exemplo dos *sessenta* que o Fernando nos trouxe hoje, há o sessenta sincrônico, simultâneo, condensado e há a sua diacronia, a do tempo necessário a uma narrativa de um histórico de sessenta anos. Há o instantâneo, o simultâneo, o instante do enunciado *sessenta*, e há o falar disso, em cujo movimento enunciativo estará sempre presente o movimento que o promove, ou seja, este “sessenta” estará presente todo o tempo, mesmo não sendo enunciado sobre o que ele está sendo dito.

Intervenção – [...]

A idade, enquanto factual, cede lugar ao seu sentido significante, ou seja, à sua articulação numa cadeia de representações.

Intervenção – [...]

As dimensões da fala

Sim, isso é fundamental no sentido em que, digamos assim, há uma distinção que pode ser feita nas dimensões, numa fala dessas, do que seja imaginário, simbólico e real. Esse é o esquema fundamental numa fala em análise. Então, o que há de real numa fala? O que há para além da fantasia de conteúdo puramente imaginário? O que pode ser simbolizado nos fantasmas de cada um, expressos na fala? O Real não é o factual. O fato é do campo da realidade, eivado pelo imaginário. No caso de Freud, assim chamado *Homem dos Lobos*, encontramos sua análise exposta com a singeleza e honestidade de um intelectual, o quanto o fracasso, diante de certas interpretações, torna-se instrutivo, como, aliás, acontece na leitura de seus casos clínicos. Nesse célebre caso clínico, notamos, a partir do conceito real, Freud investigando o factual como Real, como se Real fosse o factual. Real não é o factual. O que, por trás da fantasia, das construções imaginárias, sustém tais fantasias e construções?

O Homem dos Lobos

O que há, afinal, para além de nossos fantasmas? O que poderia ser a realidade está encoberto por esse Real. Então, se ficarmos preocupados, na análise, em abordar fatos enquanto dados da realidade, ou os sintomas, sem levar em consideração o que os manifesta, a partir de fatos linguageiros estruturais, o sujeito passa a ser acossado sobre algo que não sabe dizer de sua ocorrência.

Intervenção – [...]

O simbólico é o que, na fala, o sujeito capta, advindo do sistema linguageiro que o constitui, seguindo todas as constelações possíveis de associações a orbitar em torno daquilo que, num determinado momento, instante, se impõe. Pela via da fala, o analisante tentará permitir a inclusão de algum elemento excluído nessa cadeia associativa.

Intervenção – [...]

O simbólico já o recebemos no campo humano, ou seja, o da linguagem; a fala é a relação do sujeito com esse campo, com esse sistema linguageiro. O desejo, nosso campo, articula-se nessa fala, relacionada a esse sistema por uma relação transferencial, ou seja, de transferência analisada. Então estas dimensões, rel, simbólica, imaginária, são dimensões na fala.

Intervenção – [...]

A angústia não é também uma das formas como o desejo se articula na relação sujeito-objeto do desejo, numa situação em que o objeto inverte sua relação com esse sujeito, impondo-se?

A angústia

Intervenção – [...]

Sim, há uma relação com o que você traz enquanto falta. Na angústia há um excesso, uma presentificação maciça do objeto, portando algum desejo aterrador. Angústia é um sentimento sem escapatória; a angústia não engana e a ela não se engana.

Intervenção – [...]

Mas, de algum modo, o desejo está relacionado à necessidade; a demanda se inscreve para além da

Necessidade/demanda/desejo
necessidade, mas nela tem seu registro. Há níveis de necessidade, de demanda e de desejo de modo imbricado, mantendo-se a todos entrelaçados.

Intervenção – [...]

Sim, pois então, a Cultura perverte essa relação com a necessidade, no sentido de haver exclusão, no humano, do que lhe poderia ser atribuído como natural.

A perversão na Cultura

Intervenção – [...]

O que da Etologia nos interessa, é observar certas ocorrências especulares na dimensão imaginária.

Intervenção – [...]

A Etologia

Mas o que há a se destacar é o fato de que, mesmo no assim chamado reino animal – como se também não pertencêssemos a esse reino, mamíferos que somos –, os etólogos nos informam não haver mais o que se denomina por instinto puro, porque a Cultura, a Cultura humana já impregnou o planeta até em seus recônditos.

Intervenção – [...]

Continuação da leitura na página 36: *Foi de desdém..*

Transferência/repetição
Bem, haverá, no próprio texto que estamos lendo, uma parte dedicada à transferência e outra à repetição, mas, em resumo, nunca é o mesmo o que se repete, não da mesma maneira, estando a repetição relacionada à insistência de algum significante. Há algo de alguma constelação significante a insistir, e a transferência, enquanto articulação imaginária, está relacionada a um significante qualquer.

Intervenção – [...]

Sim, e podemos pensar o Inconsciente como efeito dessa relação, no sentido de não ser nem de um nem de outro, analisante e analista, mas produto dessa relação entre-dois, entre dois significantes. Inclusive, não há por que falar em contratransferência, pois há, tão somente, transferência, entre um e outro.

Intervenção – [...]

Nesta relação imaginária, a da transferência, ou seja, nesse

engodo típico do que chamamos cotidianamente amor, há aí, devido à especificidade da situação tão singular criada artificialmente na análise, a produção de algo inconsciente. O Inconsciente não seria nem de um nem de outro, mas o efeito dessa relação.

Intervenção – [...]

A demanda por amor

Sim, se considerarmos ser a demanda do sujeito em análise sempre uma demanda por amor, e, subjacente a essa demanda, corolário dela, mantendo-a, o desejo de morte. Em termos mais singelos, é o modelo trazido por Freud, o edípico. Amor da mãe e morte do pai. Há, inscrito na carne, pela via da letra, a morte da coisa na fala, isto é, todos os objetos, reais ou imaginários, são substituídos por algum termo que os presentifica e os mantém, por meio dessa presentificação, ausentes. Está implícita, então, na fala, a morte, a morte do que se fala.